



# OS PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS DE JOÃO CALVINO NO CONTEXTO DO SÉCULO XVI

## JOHN CALVIN'S EDUCATIONAL PRINCIPLES IN THE XVI CENTURY CONTEXT

**Edson Pereira Lopes**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie e editor responsável pela revista *Ciências da Religião – História e Sociedade*.

E-mail: [entlopes@gmail.com](mailto:entlopes@gmail.com)

**Abdias Freiria Teixeira, André Jorge Catalan Casagrande, Carloman Cordovil Heinderich, Carlos Antonio Valetim, Christian David Soares Bitencourt, Dario de Araujo Cardoso, Emmanuel Roberto Leal de Athayde, Evandro Luiz de Ávila, Gerson Trevisan, João Pires de Rezende, José Aparecido Ferreira Lopes, Luiz Manoel Gregolim Junior, Michelle Razuck Arci, Muriel Urquiza Rocha, Nilton Cláudio Tomazini, Vitor Augusto Andrade Albiero**

Discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

## RESUMO

---

Na reflexão com foco no pensamento de Calvino, percebe-se que ele jamais dissociou religião da vida prática, ao contrário disso, explicitou sua *práxis*, por meio de sua cosmovisão bíblico-teológica, que a religião deveria integrar a vida do homem em todas as suas facetas, quer seja espiritual, física, social e educacional. Como resultado dessa perspectiva, estabeleceu seu sistema escolar que culminou na criação e fundação da Academia. Este artigo procura identificar os princípios educacionais de Calvino no século XVI, tendo como referência suas principais obras, isto é, as *Institutas* e os seus comentários bíblicos.

## PALAVRAS-CHAVE

---

Educação; João Calvino; Religião; Princípios educacionais; Teologia.

## ABSTRACT

---

In reflection focusing Calvin's thought, it is realized that he never separated religion from practical life, on the contrary of that, he set it out on is practice, from his theological-biblical worldview, that religion must integrate man's life in all his facets: spiritual, physical, social and educational. As result of this perspective he established his own school system that culminated in the creation and foundation of the Geneva Academy. This article seeks to point out Calvin's educational principles in XVI century using as reference his main books, *The Institutes* and his biblical commentaries.

Education; John Calvin; Religion; Educational principles; Theology.

---

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2009, comemoram-se os 500 anos do nascimento de João Calvino. Em virtude dessa efeméride, vários estudos sobre o reformador francês e sua obra são feitos sob as mais variadas óticas.

Um dos temas relacionados ao pensamento e à prática de Calvino ainda pouco estudados é o que diz respeito à sua visão a respeito da educação. Considerando a importância dada a um estudo aprofundado das Escrituras (e das ferramentas necessárias para a sua interpretação) e à sua direta participação na organização da Academia de Genebra, é possível afirmar que Calvino tinha a educação em alta conta.

O objetivo deste artigo é, portanto, identificar os princípios educacionais de João Calvino no contexto do século XVI. Para tanto, primeiro, descrever-se-á o contexto sociocultural em que viveu o reformador de Genebra. Após isso, far-se-á um estudo da formação educacional de Calvino e uma introdução à sua produção literária. De posse desses dados, a última parte do artigo tratará diretamente do objeto central da pesquisa: uma investigação dos princípios educacionais de Calvino.

Nesta investigação, deu-se atenção especial a algumas das principais obras do reformador: suas *Institutas* e seus comentários bíblicos.

---

## 2. CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE JOÃO CALVINO

Para compreender a atuação de João Calvino no campo educacional, é preciso entender o contexto sociocultural que o precedeu e no qual ele estava inserido. Conhecer a prática edu-

cacional dos séculos XV e XVI permitirá entender os elementos necessários para alcançar os propósitos do presente trabalho. Calvino refletiu sobre ela, interagiu com ela e, de alguma forma, influenciou-a. O reformador foi educado e promoveu suas ações educativas num contexto de continuidade e descontinuidade que caracterizou o processo educacional no século XVI.

Portanto, inicialmente convém observar como a educação era praticada naquele contexto e sua forte relação com a piedade. Chamberlim (1967, p. 177, 179) afirma que, mesmo na Idade Média, a educação não estava restrita aos clérigos. Um grande número de pessoas comuns tinha conhecimentos formais básicos, ou seja, sabia ler, escrever e fazer operações matemáticas comuns, com o fim de habilitar-se para as tarefas diárias. Muito embora as escolas monásticas predominassem, havia escolas mantidas por caridade ou sustentadas por associações.

Para McGrath (2007, p. 22), uma forte ligação entre educação e piedade pode ser

[...] observada no fato de o crescimento extraordinário do interesse na educação no final do século 15 ter sido associado, em primeiro lugar, a instituições monásticas, especialmente aquelas dedicadas à *devotio moderna* (devoção moderna).

O papel desse movimento para a transformação cultural ocorrida no século XVI ainda é discutido (NAUERT, 1995, p. 97), mas sua importância é demonstrada pela ligação com indivíduos como Erasmo de Roterdã e instituições como as universidades de Paris e Tübingen (MCGRATH, 2007, p. 22).

Tendo em vista que os conceitos da *devotio moderna* permearam a educação humanista recebida por Calvino, faz-se necessário discorrer brevemente sobre sua história.

A *devotio moderna* foi um movimento iniciado na Holanda por Geert Groote, em meados do século XVI. Groote foi um pregador itinerante preocupado em exortar as populações pobres e espiritualmente cansadas a buscar o poder de Deus em suas próprias almas e expressar a fé com vidas de devoção religiosa, retidão moral estrita e serviço ao necessitado. Formaram comunidades conhecidas como Irmãos da Vida Comum, para

homens, e Irmãs da Vida Comum, para mulheres. A obra mais famosa ligada a esse movimento é *A imitação de Cristo*, atribuída a Thomas Kempis, na qual a arrogância e a falta de fé dos estudiosos filosoficamente educados eram claramente criticadas (NAUERT, 1995, p. 97, 200). A preocupação inicial não era a educação popular, mas a reforma dos mosteiros. Esta, no entanto, logo assumiu um papel pedagógico de grande importância. Nas comunidades, formavam-se albergues estudantis onde a preocupação com o bem-estar pastoral incluía a educação dos alunos. Pedagogia e piedade estavam entremeadas e cada vez mais laicizadas. O resultado disso pode ser descrito assim:

No final do período medieval, o programa educacional monástico resultou, para os leigos, numa consciência cada vez maior dos rudimentos de uma tradição espiritual devidamente fundamentada, bem como dos elementos da gramática e do latim (MCGRATH, 2007, p. 22).

Vê-se, portanto, uma forte ligação entre educação e piedade. Tal ligação é um importante elemento do contexto sociocultural de Calvino. Nichols (1997, p. 183) observa que “os planos de Calvino quanto à educação foram inspirados por sua convicção de que a verdadeira religião e a educação estão inseparavelmente ligadas”. É interessante observar que, a despeito do esforço para a formação acadêmica ilustrada na contratação dos melhores mestres humanistas, os formandos da Academia de Genebra retornavam para seus países como ministros, provavelmente influenciados pelo caráter e ambiente religioso em que o ensino era administrado.

Contudo, apesar do esforço de Calvino em contratar os “melhores mestres humanistas”, como mencionado no parágrafo anterior, é importante alertar que, a despeito do vínculo entre educação e religião na época de Calvino, o humanismo não foi um movimento religioso. Mondim (1981, p. 105) observa que, “com o humanismo e o renascimento, o ideal educativo não é mais o perfeito cidadão, o santo, mas sim o homem culto”. A mudança na concepção acerca do homem e de seu destino altera a concepção acerca da educação, pois, ao estabelecer o objetivo da vida humana, “coloca-se necessaria-

mente o problema de como conduzi-lo à conquista deste objetivo” (MONDIM, 1981, p. 105). Procurava-se dar uma base mais ampla à educação por meio da inclusão das humanidades e da produção de uma piedade sábia e eloquente (CHAMBERLIM, 1967, p. 178). Chamberlim (1967, p. 179) cita, por exemplo, o pensamento pedagógico de Erasmo de Roterdã: “Eu não tenho paciência com o professor médio de gramática que gasta preciosos anos martelando regras nas cabeças dos alunos”. De acordo com Tillich (2004, p. 237), a atitude educativa de Erasmo se mostrava em seu interesse pelo desenvolvimento educacional do indivíduo. “Desde então, todos os humanistas têm-se dedicado com paixão à causa educacional.”

Havia três níveis de educação: elementar, gramática e universidade (CHAMBERLIM, 1967, p. 179). A instrução elementar era basicamente constituída de instrução religiosa aprendida de forma repetitiva por meio da leitura, escrita, aritmética e canto. As escolas gramáticas, além de gramática e composição na língua nativa do aluno, também ensinavam o latim clássico e literatura: “Na universidade, o progresso do estudante era muito similar ao progresso de um aprendiz em qualquer outro trabalho manual”. O curso durava sete anos. Na metade, ele se tornava um bacharel, alguém hábil em sua arte. Ao final, ele se tornava um mestre e ministrava palestra (CHAMBERLIM, 1967, p. 180). Esse currículo de formação universitária era fortemente influenciado pela Igreja Católica Romana, que tinha na Escolástica sua principal ferramenta de domínio intelectual.

*A Escolástica pode ser entendida como o conjunto de doutrinas filosófico-teológicas cultivadas nas escolas e universidades medievais. Os traços característicos da escolástica são os seguintes: a) pensamento dos gregos subordinado à teologia (o direito era pensado a partir da teologia, pois Deus é o seu fundamento); b) defesa da Igreja contra as instituições seculares; c) método lógico-formal (BRAY, 2005).*

A Escolástica também era um método que consistia no uso de textos bases que deveriam ser utilizados nas universidades e sobre o qual todo o conhecimento deveria basear-se, como constatou Charle e Verner (1995, p. 34):

Em todas as disciplinas, o ensino repousava em um pequeno número de “autoridades”, textos de base, famosos por conter, se não todo o saber, pelo menos os princípios gerais sobre os quais todo o conhecimento posterior deveria basear-se.

Para cada área do conhecimento havia um texto específico que deveria ser utilizado por todas as universidades. Para a área de Teologia, a Bíblia seria esse texto, na Gramática, Prisciano, na Lógica e Filosofia, Aristóteles, no Direito, os dois institutos (direito civil e direito canônico), na Medicina, um conjunto de obras (tratados hipocráticos, galênicos e árabes). Somados a esses escritos, outros poderiam ser acrescentados desde que fossem valorizados pelas autoridades (CHARLE; VERGER, 1995, p. 34).

A Escolástica representava um desafio para qualquer proposta de reforma ou renovação do sistema educacional. Calvino foi instruído debaixo dessa rígida formação. Entretanto, isso não o impediu de construir uma alternativa que, ao mesmo tempo que manifestava os movimentos filosóficos, sociais e educacionais de seu tempo, abria caminho para importantes mudanças.

Neste propósito de compreender todo contexto socio-cultural de Calvino, é preciso, ainda, considerar a influência da Renascença.

A Renascença talvez não seja exatamente o ponto de divisão entre a Idade Média e a Moderna (HAUSER, 2003, p. 273), mas trouxe para a sociedade em geral modificações importantes. As universidades, nascidas na Idade Média, também sentiram as transformações vividas no século XV.

Na Itália, essa transformação foi mais sentida, e a conotação teológica das universidades mudou para a ideia do humanismo centrado no homem (antropocêntrico), o que também foi refletido nas artes, na literatura e na vida sociopolítica. Essa foi a contribuição das repúblicas de Veneza e Florença dos Médices e dos papas.

Contudo, como destacado por Trindade (1999), tal transformação não ganhou a mesma força e velocidade fora da Itália. Logo, a Renascença não teria produzido, de imediato, nas universidades fora da Itália, grandes mudanças no contexto dessas universidades. Assim, as mudanças produzi-

das devem ser interpretadas no contexto de uma modificação gradual e progressiva, porém lenta, do centro teológico para o antropológico nas universidades europeias. Teologia e filosofia começaram a ser tratadas como saberes separados e seguiriam assim desde então. Só mais para o fim do século XVI é que a ciência se aproxima da universidade, promovendo, assim, a transformação de sua estrutura. Essa tendência, embora em curso no seu tempo, não chegou a influenciar Calvino.

O vínculo com o Estado e o não rompimento com o teológico – e, conseqüentemente, a pouca influência contrária do humanismo – são evidentes na Academia de Genebra de Calvino, pois, além da ligação com o governo da cidade genebrina, o seu motor pedagógico ainda é a teologia, neste caso, reformada.

Esse misto de continuidade e descontinuidade caracterizou o processo educacional no século XVI. Nesse contexto, Calvino foi educado e promoveu suas ações educativas.

A próxima seção se dedicará, portanto, a descrever a formação educacional de João Calvino e sua produção literária.

## 3. A VIDA E AS OBRAS LITERÁRIAS DE JOÃO CALVINO

---

Nesta seção, estudar-se-á a formação educacional de João Calvino, com menção a alguns momentos importantes de sua vida. Além disso, far-se-á uma breve introdução à produção literária do reformador de Genebra, dando atenção à conexão entre seus textos e sua atividade educadora.

### 3.1. A EDUCAÇÃO DE JOÃO CALVINO

---

João Calvino, desde a infância, desfrutou de uma boa educação. Gérard Cauvin, seu pai, embora proveniente de família simples, no século XVI, era secretário de Charles de Hangest, bispo de Nyon e procurador fiscal do município (FERREIRA, 1985, p. 31). Como consequência dessa posição, a família de Calvino mantinha relações com as famílias



mais nobres da região. Tais relações permitiram que Calvino, desde a infância, estudasse com professores particulares e nos colégios em que estudavam os filhos dessas famílias. Estudou no Colégio Capeto e, com esse convívio, adquiriu os modos refinados, próprios da nobreza (COSTA, 2004, p. 89-90).

Com 12 anos, Calvino recebeu um benefício eclesiástico na catedral, capelania de La Gésine, que possibilitaria realizar seus estudos. Acompanhado de amigos, filhos de nobres, foi para Paris, onde estudou humanidades e latim, alguns meses no Collège de La Marche, sendo treinado para o sacerdócio. Seu mestre foi um dos grandes humanistas, Marturinus Corderius (COSTA, 2004, p. 90). No ano de 1524, Calvino foi para o Collège de Montaigu. Estudou sob a tutela do preceptor espanhol, Antônio Coronel, com quem Calvino realizou grandes progressos no estudo da gramática. Nos estudos, era dedicado e inimigo de vícios (BEZA, 2006, p. 9-10). Por essa escola, passaram Erasmo de Roterdã e Rabelais. Nesse período, foi influenciado por um professor escocês, Jean Major, que o instruiu na filosofia, lógica e teologia bíblica e patrística (COSTA, 2004, p. 90).

Em 1528, concluído o curso de Artes, o pai de Calvino o retirou dessa escola em decorrência de um desentendimento com os clérigos de Nyon e o enviou para a Universidade de Orléans a fim de estudar Direito, sob a influência do conceituado jurista, Pierre L'Étoile, conhecido como “rei da jurisprudência”. Seus progressos nos estudos resultaram mais no papel de docente do que de aluno. Calvino não completou seus estudos, mas a academia, em reconhecimento por todos os seus serviços prestados, resolveu, em votação unânime de seus professores, conferir-lhe o grau de Doutor em Direito, o que ele não aceitou (BEZA, 2006, p. 11).

Atraído pelo famoso humanista e mestre de Direito, Andrea Alciati, jurista de primeira linha, teórico da soberania do Príncipe, dirigiu-se para Bourges. Na famosa Universidade de Bourges, estudou com Alciati e Melchior Wolmar, que conheceu em Orléans (COSTA, 2004, p. 91). Algumas pessoas em Orléans diziam que Calvino frequentemente estudava até meia-noite, comendo bem pouco para realizar seus estudos, e, pela manhã, permanecia na cama recordando o que estudou (BEZA, 2006, p. 11).

Com a morte do pai, Calvino retornou a Paris para continuar seus estudos literários e, em outro período, voltou para Orléans para concluir seu curso de direito.

## 3.2. A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE JOÃO CALVINO

---

João Calvino produziu uma extensa obra literária. Os seus escritos correspondem a nada menos que 59 dos 87 volumes do *Corpus Reformatorum*, coletânea que também inclui as obras de Felipe Melanchton e Ulrich Zwingli. Isso, sem contar, a *Supplementa Calviniana*, coletânea de sermões que vem sendo publicada desde 1936 até os dias atuais, já compondo mais de 11 volumes (GREEF, 2008, p. 210).

Adaptando e resumindo o modelo de Wulfert de Greef (2008), é possível classificar as obras de Calvino em seis grupos: primeiras publicações, escritos bíblicos, escritos eclesiásticos, escritos polêmicos, cartas e as *Institutas*<sup>1</sup>.

As primeiras publicações de Calvino ainda estavam no contexto de sua formação humanista e jurídica. Seu primeiro texto publicado foi um prefácio à obra *Antapologia*, de Nicolas Duchemin, em forma de carta, datada de 6 de março de 1531. De acordo com Greef (2008, p. 65), a obra era uma discussão jurídica quanto a algumas interpretações de leis daquela época. No entanto, o texto que apresentou Calvino ao seu tempo foi o comentário sobre a obra *De clementia*, do filósofo Sêneca, publicado em abril de 1532. Ali revelava sua capacidade acadêmica de dialogar com as fontes clássicas, tanto gregas quanto latinas, que seria vista nos escritos posteriores (BATTLES, 1996b).

Apresentando-se, já, como personagem da Reforma, Calvino passou a escrever textos que demonstravam sua interpretação da Bíblia. Seu primeiro escrito propriamente teológico foi uma carta, que prefaciava o Novo Testamento traduzido para o francês por Olivetanus (publicado em 1535), com o

---

<sup>1</sup> Para um detalhado e exaustivo índice cronológico dos textos de João Calvino, consultar Greef (2008, p. 233-238).

título *A todos que amam Jesus Cristo e seu evangelho*. Nesse texto, segundo Greef (2004, p. 42), Calvino argumentava que Jesus Cristo é o fim da Lei, renunciando um dos temas de sua teologia.

Calvino escreveu comentários sobre quase todos os livros do Novo Testamento (com exceção da 2ª, 3ª epístolas de João e Apocalipse) e sobre vários livros do Antigo Testamento (GREEF, 2008, p. 69).

Os comentários de Calvino nasceram a partir de três atividades ministeriais: as *congrégations* (congregações), encontros semanais de discussão de textos bíblicos com os demais ministros de Genebra, as preleções (*praelectiones*) bíblicas que ele ministrava em Genebra e durante o curto período em Estrasburgo (GREEF, 2008, p. 101, 75), e os sermões que pregava com regularidade. De fato, para Höpfl (1985, p. 142),

[...] não há diferença muito grande de abordagem ou conteúdo entre os sermões de Calvino e seus comentários. Na verdade, os últimos eram invariavelmente precedidos por séries de sermões, e, em alguns casos, os comentários eram o registro *verbatimum* de tais sermões.

Dessa forma, os comentários surgiram da necessidade de instruir os ministros e fiéis em geral na exposição da Escritura.

Calvino escreveu artigos e tratados relacionados a temas específicos da vida da Igreja. Entre esses temas, estavam o culto, a Ceia do Senhor, a organização eclesiástica, a pureza doutrinária e a paz na Igreja de Genebra. Nessa mesma linha, segundo Greef (2008, p. 105), encontram-se os textos de instrução bíblica para os jovens e a Confissão Galicana.

Nos seus escritos polêmicos, João Calvino estabeleceu debates com os católicos romanos, com os anabatistas, os libertinos (grupo de Genebra contrário às ações moralizadoras de Calvino) e outros grupos sobre temas diversos. Também nesse grupo, incluem-se os textos em busca da unidade eclesiástica, nos quais aspectos específicos da fé cristã são discutidos com outros segmentos protestantes (GREEF, 2008, p. 134-175).

Um dos mais importantes textos nesse sentido é a “Resposta a Sadoletto”. Diante de uma carta do bispo Sadoletto, convocando os cidadãos de Genebra a retornar à obediência ao bispo de Roma, Calvino escreveu sua Resposta a convite do Conselho de Berna, que, por sua vez, atendia ao Conselho de Genebra (GREEF, 2004, p. 46). A grande quantidade de textos indica que Calvino acreditava ser a palavra escrita uma excelente forma de ensino.

A preocupação em que os seus interlocutores tivessem uma perspectiva clara da fé cristã pode ser vista, também, em suas cartas. Calvino escreveu uma enorme quantidade de cartas, correspondente a 11 volumes do *Corpus Reformatorum* (CALVINI, 1990). Desde a primeira da série de correspondências publicadas em maio de 1531 até seu testamento em abril de 1564 (CALVIN, 1980, p. 31, 250), percebe-se, nessas epístolas, o próprio Calvino em interpretação direta com seus leitores, instruindo e apoiando espiritualmente aqueles a quem se dirigia.

Por fim, dentre os escritos de João Calvino, as *Institutas da Religião Cristã*, com cinco edições distintas, entre 1536 e 1559, são o texto básico para se conhecer sua teologia (GREEF, 2008, p. 182).

A primeira edição das *Institutas* (1536), pequeno livro com seis capítulos, teve um duplo objetivo: de um lado, Calvino planejou um texto que servisse de catecismo para os que professavam a fé reformada; de outro, ele seria uma apologia dessa fé, dirigida aos governantes que perseguiam os protestantes (BATTLES, 1996a, p. 93). Esta evoluiu, ao curso dos anos, para a última edição (1559), uma vasta obra, em quatro volumes, contendo uma exposição sistemática da teologia do reformador em sua maturidade (CALVINO, 2006).

Percebe-se, portanto, que o ensino era um elemento importante tanto na formação inicial de João Calvino quanto na sua produção literária. De um lado, sua formação no ambiente educacional humanista do século XVI lhe forneceu algumas das chaves para o desenvolvimento de seu projeto de Reforma posterior. De outro lado, a maior parte de seus livros nasce da necessidade de ensinar e educar os fiéis nessa expressão reformada da fé cristã. Diante disso, passa-se ao estudo dos princípios educacionais de Calvino.

## 4. PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS DE CALVINO

---

Para compreender os princípios educacionais de Calvino, deve-se observar a relação da teologia com a educação, pois é em função do seu pensamento teológico que esse reformador estabelece seus ideais educacionais. Além disso, torna-se imprescindível analisar quais as diretrizes para formar um “homem educado” capaz de desenvolver plenamente as suas potencialidades. E, finalmente, observar como na Academia de Genebra essa realidade se materializou.

Não se pode falar de educação em Calvino sem tratar da sua teologia, pois ele foi um teólogo e não um filósofo da educação. Nesta seção, serão destacados alguns desses princípios teológicos em sua interface com a educação. Isso se faz necessário porque, na concepção de Calvino (2006a, p. 47-48), por meio da teologia é possível ao homem conhecer a Deus, e pelo conhecimento de Deus é possível conhecer-se a si mesmo e as coisas que o cercam.

Esse conhecimento de Deus, o homem obtém pelo conhecimento das Escrituras, é o que pode ser lido na afirmação de Calvino (1968, p. 28):

Porque, se considerarmos quão frágil é o entendimento humano, quão propenso e a olvidar-se de Deus, quão propenso a cair em toda sorte de erros, e como é seu apetite e desejo de inventar a cada passo novas e desconhecidas religiões, se poderá ver claramente quão necessário foi que Deus tivesse seus registros autênticos através dos quais conservasse toda a verdade, a fim de que não se perdesse ou se desvanecesse por erro e descuido ou se comprometesse por atrevimento dos homens.

Ao comentar Calvino, Costa (1999, p. 172) afirma que, sem as Escrituras, o homem jamais terá um conhecimento verdadeiro de si mesmo, sobre o mundo e sobre o próprio Deus. A convicção da importância e da centralidade das Escrituras leva o reformador a defender o ensino da Palavra e a necessidade da escola desde a infância. Segundo Campos (2000, p. 3),

Calvino possuía um propósito muito bem definido em sua filosofia educacional: ele queria que as crianças de Genebra viessem a ser úteis à sociedade e que suas mentes fossem formadas pelos Ensinos das Santas Escrituras.

Por causa de sua compreensão sobre a graça comum, Calvino entendia que o homem tem capacidade de aprender, pois foi criado à imagem e semelhança de Deus e que nem mesmo a queda roubou ao homem essa possibilidade (COSTA, 2008, p. 35). Nesse sentido, Campos (2000, p. 4) afirma:

Em sua teologia sobre a imagem de Deus no homem, Calvino viu o ser humano como um ser que aprende inerentemente. Deus depositou no ser humano a semente da religião e também o deixou exposto à estrutura total do universo criado e à influência das Escrituras. Por causa dessas coisas, qualquer homem pode aprender desde o mais simples camponês ao indivíduo mais instruído nas artes liberais.

Ao destacar o papel que deve ser exercido pela Igreja, Calvino pontuava como uma de suas atribuições preparar seus adeptos para discernir a verdade evangélica. Para ele, toda espécie de ignorância era fruto da ignorância espiritual, e um sistema educacional que não observasse a tutela da verdadeira religião não poderia ser considerado um sistema ideal para formar o homem completo. Quando Calvino, interpretando Paulo, diz que a lei nos serviu de aio (Gálatas 3:24-25), deixa expresso seu pensamento de que a educação conduz o homem à sua formação plena. É certo que Calvino (1998, p. 112) ressalta o ensino bíblico de que “toda lei, em suma, outra coisa não era senão uma multiforme variedade de exercícios nos quais os adoradores eram guiados, pela mão, a Cristo”. Contudo, é possível identificar aqui que ele jamais dissociou o papel da educação na formação do homem completo como instrumento para conduzi-lo a estágios mais excelentes. Sua visão educacional na formação do cidadão leva-o além do apóstolo Paulo em sua metáfora. Enquanto Paulo descreve a lei como aio a fim de conduzir o homem a aprofundar-se nas verdades divinas, sobretudo a Cristo, Calvino (1998, p. 111) se utiliza de uma linguagem educacional explícita, específica e própria, a fim de ilustrar o mesmo princípio paulino, quando diz:

A comparação se aplica à lei em ambos os aspectos, pois sua autoridade se limitava a uma determinada faixa etária, e seu propósito era o desenvolvimento dos seus alunos só até o estágio em que, quando os elementos fossem apreendidos, poderiam se aprofundar na área da educação. E assim ele [Paulo] diz: para nos conduzir a Cristo. Os gramáticos instruem um garoto e então o remanejamos para outro mestre que o aperfeiçoe nas disciplinas graduadas. Portanto, a lei era como o gramático que iniciou seus alunos e a seguir os remanejamos para a teologia da fé a fim de que completassem o curso. Dessa forma, Paulo compara os judeus a crianças, e a nós como jovens em franco progresso.

Cumpria a Igreja organizar e executar a tarefa da educação, o que seria feito por meio dos pastores e mestres da Igreja que serviriam a comunidade no exercício do sacerdócio e do magistério (MOORE, 1984, p. 144). A educação dessa forma se tornaria completa, pois formaria bons cidadãos. Jong (1967, p. 173) afirma que, para tanto, “Calvino entendia como indispensável um ‘catecismo definido’ ou manual de instruções”. Nem os pais e nem os pastores deveriam instruir segundo suas próprias intuições ou ao seu bel-prazer.

Além da relação entre a teologia de Calvino e seus ideais educacionais, é possível perceber quais as diretrizes estabelecidas pelo reformador para formar o homem educado, capaz de desenvolver suas potencialidades.

O homem, em sua visão, deveria ser letrado. Em função da doutrina do sacerdócio universal, compartilhada pelos reformadores, tais como Lutero e Zwinglio, que afirmava que os homens podem ter acesso a Deus e que podem examinar e interpretar as Escrituras sem a intermediação de um clérigo, tornava-se imperioso aprender a ler e escrever. Essa crença pode ser vista nos comentários de Calvino (2006b, p. 255), ao discutir o ofício sacerdotal de Cristo, que apresenta o “sacerdócio dos crentes” como participação no sacerdócio de Cristo:

Agora Cristo exerce a função de Sacerdote, não só para que, mercê da eterna lei de reconciliação, nos torne o Pai favorável e propício, mas ainda para que nos admita à participação de tão grande honra [Ap 1:6]. Ora, que em nós mesmos somos depravados, todavia sacerdotes nele oferecemos a Deus a nós mesmos

e a tudo que é nosso e entramos livremente no santuário celeste, para que sejam agradáveis e de bom odor à vista de Deus os sacrifícios de preces e de louvor que de nós procedem. E até este ponto se estende essa afirmação de Cristo: “Por causa deles a mim mesmo me santifico” [Jo 17:19], porquanto, banhados de sua santidade, até onde consigo nos consagrou ao Pai, nós que, de outro modo, cheiramos mal diante dele, lhe agradamos como se fôssemos puros e limpos, aliás, até mesmo santos.

Lutero concebe a nova igreja, tanto como estrutura física como uma Congregação de Fiéis, uma *Congregatio Fidelium*, ou seja, uma união de cristãos em que todos são sacerdotes, “todo indivíduo que for um cristão fiel pode relacionar-se com Deus, sem necessidade de qualquer intermediário” (SKINNER, 1996, p. 293). Tal conceito, batizado de “sacerdócio universal”, transfere o título de Poder Espiritual, anteriormente concedido à Igreja, para cada cristão, tornando cada um responsável pelo seu bem-estar espiritual, assim como pelo bem-estar do próximo. Por isso, ser letrado era uma “necessidade espiritual comum a todos, isto é, o conhecimento dos textos sagrados” (TOLEDO, 2006, p. 2).

O modelo de cultura que o movimento da Reforma utiliza para organizar as suas escolas é o humanístico, baseado na prioridade das línguas, com centro na educação gramatical. Seguindo a linha dos reformadores, Calvino está convencido de que a educação:

Está ligada a uma cosmovisão que prega a salvação por meio de uma fé nas Escrituras como forma inevitável de se conhecer a Deus e ao homem. Não se tratava mais de uma fé em uma Igreja que tomou para si um poder que só o Evangelho possuía, mas da fé concebida como o poder de intermediação entre o homem e o seu criador (TOLEDO, 2006, p. 2).

Quando retomou o seu projeto reformador na cidade de Genebra, em 1541, João Calvino implementou um programa de reformas sociais e religiosas e abriu espaço para a educação. Defende a necessidade de que todo representante da nova Igreja deveria frequentar a escola e viu nas “línguas e nas ciências seculares os instrumentos fundamentais a formação” (CAMBI, 1999, p. 252).



O papel da educação para Calvino se alia à etimologia da palavra educação, do latim *educere*. Dessa forma, educar significava tirar de dentro para fora, ou seja, “desenvolver as potencialidades internas do homem” (TOLEDO, 2006, p. 5). Calvino via a educação como o modo de tirar o conhecimento das coisas que dormitavam na alma do homem, conhecimento que lhe foi inferido por ser o homem imagem e semelhança de Deus, mas que foi obscurecido pelo pecado. Ou nas palavras do próprio Calvino (2006a, p. 14): “[...] assim de mui excelente razão nos compele a confessar que o princípio lhe é ingênito no entendimento humano”.

O fim da educação seria, pelo estudo dos textos sagrados, ensinar ao homem a sua essência divina e sua relação com Deus, o principal objeto de Estudo (TOLEDO, 2006, p. 5). A queda fez que o homem deixasse de reconhecer sua semelhança com o Criador, e a educação, conforme Toledo (2006, p. 5), serviria para reascender no homem esse conhecimento:

As Escrituras revelam aquilo que é necessário ao homem conhecer sobre o Criador e a natureza. Por isso, quando se fala em educação, para Calvino, fala-se de uma educação voltada para resgatar na alma sua essência divina; ela serve, de certa forma, para auxiliar a despertar no homem a sua verdadeira natureza. Isso o conduzirá à prática da piedade e ao temor sincero a Deus.

No Salmo 111, Calvino (1999, p. 222) destacou a importância da não negligência da lei do Senhor, pois, “apesar de todos os homens dizerem que têm a Deus, nada é mais comum à humanidade que negligenciar a sua lei”. Toda a atenção deve ser dada a este ponto, pois toda a sabedoria deste mundo, sem o temor a Deus, é vaidade ou sombra vazia, e, de fato:

Todos aqueles que são ignorantes do objetivo para o qual eles vivem são loucos e tolos. Mas servir a Deus é objetivo para o qual nascemos, e para o qual somos conservados em vida. Não há, por isso, nenhuma cegueira pior, nenhuma insensibilidade tão rastejante, como quando desprezamos Deus e colocamos nossos afetos em outro lugar (CALVINO, 1999, p. 222).

Como Calvino não escreveu textos que fossem diretamente voltados para a educação, os objetivos educacionais para ele partem de sua proposta teológica do ser humano, que, devidamente iluminado pelo Espírito Santo, poderia chegar a ser um homem educado. É bom lembrar, como salienta Toledo (2006, p. 6), que “a iluminação do Espírito Santo não poderia chegar àqueles que estavam desviados da Palavra ou que eram ignorantes a ela, mas apenas aos verdadeiros crentes”.

João Calvino reconhecia que, na Bíblia, Deus se revelou de modo único e especial, por isso era imprescindível a todo cristão o conhecimento adequado do seu conteúdo. Não apenas isso: o homem educado deveria também conhecer a natureza, “já que por meio dela Deus se revelava a todos indistintamente” (TOLEDO, 2006, p. 7). Segundo Campos (2000, p. 5):

O intelecto, as afeições e a vontade deveriam ser todos devidamente restaurados pelo conhecimento de Deus. O conhecimento correto dos homens era dependente do correto conhecimento de Deus [...]. Por essa razão, ele enfatizou primariamente o ministério da Palavra para depois enfatizar o ensino nas outras áreas da vida.

Quando conhece a si mesmo, o homem tem condição de modificar o mundo ao seu redor, é o que afirma Toledo (2006, p. 8):

O homem “educado” segundo a proposta de Calvino colocava a religião, a disciplina e a moral em todos os quadrantes do seu mundo pessoal e social, modificando-o internamente pelo conhecimento de Deus e, conseqüentemente, alterando também suas relações com os outros. Seu comércio, seu trabalho, sua cidadania, tudo pertencia à esfera religiosa; por isso, deveria ser direcionado para a glória de Deus, criador e mantenedor de todas as coisas.

Calvino desejava que as crianças fossem formadas para ser úteis à sociedade, conforme dito anteriormente. Para isso, precisavam aprender as Escrituras, as ciências e as artes. Formadas assim, integralmente, poderiam “assumir a liderança

futura do mundo que as esperava” (CAMPOS, 2000, p. 3). A responsabilidade do ensino, em primeiro lugar, era da Igreja. Até que fossem maduras na fé, a base da educação das crianças seria as Escrituras e as aulas dadas pelos ministros da Igreja, sem eximir os pais da responsabilidade em sua formação.

Antes de tudo, Calvino almejava a salvação espiritual do seu rebanho, mas não deixou de lado as preocupações a favor da criação de um mundo mais justo, coerente e feliz. Nesse sentido, a instrução era a chave que abriria as portas de um novo mundo: uma eficaz vida de fé. Para isso, era necessário que os mestres fossem não apenas pedagogicamente ensinados, mas teologicamente também. Essa tarefa competia à Academia de Genebra.

Calvino jamais dissociou teologia da vida prática. Para ele, a teologia deve reger a vida do homem em todas as suas facetas, quer seja espiritual, física, social ou educacional. Tendo em vista sua cosmovisão bíblico-teológica da vida integral do homem e a interface deste com Deus e a natureza, Calvino não pode ignorar o estado de opróbrio em que se encontrava a educação em Genebra. A realidade educacional de Genebra ocorria em virtude dos escassos recursos do país, originados do seu contexto socioeconômico, agravado pelo fato de incluir inúmeros refugiados que buscavam amenizar as agruras da perseguição religiosa na Europa do século XVI.

A intenção de Calvino era criar uma universidade para atender às necessidades emergentes da educação. Para Calvino,

[...] uma reforma religiosa tinha de ser acompanhada de uma reforma educacional. Do contrário, a reforma da religião haveria de carecer de homens devidamente preparados (CAMPOS, 2000, p. 11).

Contudo, em face dos poucos recursos, Calvino, com o intento de jamais abandonar seus princípios teológicos influentes no ensino das humanidades, investiu na construção e organização da Academia de Genebra, que viria a ser inaugurada em 5 de junho de 1559, a qual foi dedicada para o estudo das ciências e da religião.

A missão e o propósito de tal empreendimento na visão do reformador francês iam além das demandas educacionais

convencionais de sua época. “A Academia foi uma das instituições mais importantes de Genebra e tinha como finalidade o fortalecimento da religião reformada ensinada nos lares” (CAMPOS, 2000, p. 11). Segundo Calvino, todas as outras ciências deveriam ser regidas e orientadas pela teologia, e que toda consequente espécie de ignorância tinha sua causa na ignorância espiritual (CAMPOS, 2000, p. 3). Portanto, um sistema educacional que não contemplasse a tutela da verdadeira religião não poderia ser considerado um sistema ideal e acabado para formar o homem completo. Segundo Campos (2000, p. 47):

[...] quando Calvino iniciou as suas atividades em Genebra, em 1536, convenceu-se de que a educação era a grande solução para tirar o povo das trevas espirituais. Quando as pessoas se tornassem conhecedoras de Deus, elas não se conformariam com o seu *status quo* de ignorância.

Nesse sentido, para Calvino a formação de um cidadão não se limitava apenas a prepará-lo, capacitá-lo e educá-lo a dirigir a pátria. Em sua visão, o sistema educacional tinha a responsabilidade de fazer que a formação educacional tivesse sua gênese e seus fundamentos no padrão das Escrituras, a fim de habilitar o cidadão para a vida em seu todo, pois

[...] a soma total da nossa sabedoria, a que merece o nome de sabedoria verdadeira e certa, abrange estas duas partes: o conhecimento que se pode ter de Deus, e o de nós mesmos (CALVINO, 2006a, p. 56).

Com o propósito de preparar o homem para a vida, Calvino viu a oportunidade que a Academia proporcionaria aos desfavorecidos de Genebra. Tal oportunidade de ensino àqueles que não tinham uma boa educação escolar motivava Calvino a ensinar, concomitantemente ao ensino das artes e das ciências físicas, a fé reformada aos que não tinham ocasião de conhecer a essência da fé cristã. Genebra “precisava de uma escola que viesse a preparar educadores que perpetuassem a educação da cidade” (CAMPOS, 2000, p. 11).

Desse modo, conclui-se que o propósito do reformador incluía, além da qualidade e fidelidade do preparo da lideran-

ça eclesiástica, assegurar o futuro de Genebra por meio da formação que a Academia proporcionaria aos cidadãos e futuros líderes da administração pública da cidade.

Não se pode dizer que Calvino foi um educador em essência, mas, sem dúvida, ele foi um visionário da educação. Como idealizador da educação em Genebra, Calvino construiu um sistema educacional que serviria de modelo para uma cidade – ou um Estado – enfrentar as investidas romanas e, mesmo assim, permanecer íntegra aos princípios da fé reformada que deveriam ser aplicados na sociedade e em suas diferentes vertentes da administração econômica, política, educacional e, obviamente, espiritual.

Em 1565, com seis anos de existência, a Academia de Genebra tinha em seu rol de matriculados aproximadamente 1.600 alunos. Oriundos de várias partes da Europa, inúmeros alunos migravam para Genebra para obter preparo educacional e teológico. Muitas igrejas enviavam seus candidatos ao ministério para serem preparados e formados na Academia, a qual funcionava como uma espécie de seminário preparatório para as atividades teológicas, eclesiásticas e educacionais. Dessa formação em Genebra, surgiram pregadores e ministros que passaram a ocupar as igrejas protestantes da Europa do século XVI. A formação da Academia de Genebra foi importante não somente para Genebra, “mas outras regiões da Europa foram diretamente afetadas pela criação da Academia e das outras escolas de Genebra” (CAMPOS, 2000, p. 12).

Assim que a academia foi organizada em 1559, Calvino não quis assumir sua diretoria, por entender que havia alguém mais habilitado para tal função. Esse posto foi ocupado por Teodoro Beza, que assumiu com destreza e aquiescência de Calvino.

Além de Teodoro Beza, outros professores foram convidados por Calvino para compor o corpo docente da Academia, dentre eles estavam Pierre Viret, Antonie Saunier, Sebastian Castellio e Mathurin Cordier, a maioria oriunda de Lausane (CAMPOS, 2000, p. 10). Após a morte de Calvino em 1564, Teodoro Beza assumiria integralmente a reitoria da Academia.

Quanto aos métodos de instrução de Calvino na Academia, Moore (1984, p. 153) comenta que:

Sua familiaridade e o uso de certa variedade de [...] métodos – incluindo exposição, catequese, leitura simples, talvez uma tutoria privada, bem como meditação provada – sugerem que ele e outros pastores e mestres de Genebra apreciavam a convivência de métodos de ensino particulares para audiências, contextos e propósitos particulares.

No conceito teológico-educacional de Calvino, a educação deveria ser iniciada com crianças. Calvino

[...] desejava que as crianças de Genebra, desde a mais tenra idade, viessem a ser úteis à sociedade, mas que a mente delas fosse formada pelos ensinamentos das Escrituras (LOPES, 2006, p. 81).

Assim, a supervisão de toda a educação estaria a cargo da Igreja, uma vez que o estudo se daria por meio das Escrituras. A Academia seria o instrumento para tal educação. Era dividida em *Schola Privata* (escola privada), que oferecia o ensino básico, e *Schola Publica* (escola pública), que era a continuação do colégio e fornecia estudos em nível superior (LOPES, 2006, p. 82-83).

A matriz curricular da Academia de Genebra era formada pelas seguintes disciplinas: a) ciência física e matemática, b) retórica, c) hebraico e grego, d) teologia. Lopes (2006, p. 84) destaca que “o currículo continha o princípio reformado, e seus professores eram ministros ou leigos, indicados por ministros da Igreja, e deveriam refletir a visão reformada no ensino”.

Apesar de, como foi visto, Calvino não ser um filósofo da educação, ele foi um incentivador desta. Por conta disso, por exemplo, sua “ênfase sobre a educação chegou aos Estados Unidos, quando algum tempo depois os puritanos, calvinistas, criaram escolas no novo mundo” (CAIRNS, 1995, p. 254). O impacto de seus princípios educacionais na Europa e na América, portanto, ilustra a importância do ensino na obra de João Calvino.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O que se percebe na reflexão com foco no pensamento de João Calvino é que ele jamais dissociou religião da vida prática. Ao contrário disso, explicitou em sua *práxis*, a partir

de sua cosmovisão bíblico-teológica, que a religião deveria integrar a vida do homem em todas as suas facetas, quer seja espiritual, física, social e educacional. Como resultado dessa perspectiva, estabeleceu seu sistema escolar que culminou na criação e fundação da Academia de Genebra.

Este artigo procurou identificar os princípios educacionais de Calvino no século XVI, tendo como referência suas principais obras, isto é, as *Institutas* e os seus comentários bíblicos. Para isso, em primeiro lugar, descreveu-se o contexto sociocultural de João Calvino. Num segundo momento, apresentaram-se a formação educacional do reformador de Genebra e uma breve introdução à sua produção literária. E, por fim, a última seção do artigo tratou diretamente do objeto central da pesquisa: uma investigação dos princípios educacionais de Calvino.

Como se ressaltou em vários momentos, João Calvino não foi um filósofo da educação. Por conta disso, seus princípios educacionais devem ser extraídos de textos cuja temática principal é a teologia ou a organização eclesial. Em virtude da grande extensão da obra de Calvino, muito ainda pode, e deve, ser feito nesse sentido. Este artigo se propõe a ser uma contribuição inicial nessa direção, motivando a produção de outras pesquisas que tornem ainda mais clara a conexão entre o pensamento de João Calvino e a educação.

---

## REFERÊNCIAS

BATTLES, F. L. The first edition of the *Institutes of the Christian Religion* (1536). In: \_\_\_\_\_. *Interpreting John Calvin*. Grand Rapids: Baker Books, 1996a. p. 91-116.

\_\_\_\_\_. The sources of Calvin's Seneca Commentary. In: \_\_\_\_\_. *Interpreting John Calvin*. Grand Rapids: Baker Books, 1996b. p. 65-89.

BEZA, T. *A vida de Calvino*. Campinas: LPC, 2006.

BRAY, R. T. O processo civilizatório no Brasil e a Escolástica: uma visão jurídica, filosófica e pedagógica. *Jus Vaviganti*, Teresina, ano 10, n. 877, 27 nov. 2005. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina.texto.asp?id=7624>>. Acesso em: 9 abr. 2009.

- CAIRNS, E. E. *O cristianismo através dos séculos*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CALVIN, J. *Letters of John Calvin: selected from the Bonnet Edition with an introductory biographical sketch*. Carlisle: The Banner of Truth Trust, 1980.
- CALVINI, I. *Ioannis Calvini opera quae supersunt omnia*. Corpus Reformatorum. Bad Feilnbach: Schmidt Periodicals GmbH, 1990. v. 1-59.
- CALVINO, J. *Institución de La Religión Cristiana*. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1968. v. I.
- \_\_\_\_\_. *Comentário à Sagrada Escritura do Novo Testamento: Gálatas*. São Paulo: Paráclitos, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O livro dos Salmos*. São Paulo: Edições Paráclitos, 1999. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Commentary os Psalms*. v. 4. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom11.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2009.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*, São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CAMPOS, H. C. A “Filosofia educacional” de Calvino e a Fundação da Academia de Genebra. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2000.
- CHAMBERLIM, E. R. *Everyday life in renaissance times*. New York: Capricorn Books, 1967.
- CHARLE, C.; VERGER, J. *História das universidades*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- COSTA, H. M. P. João Calvino: o humanista subordinado ao Deus da Palavra. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 155-182, jul./dez. 1999.
- \_\_\_\_\_. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.



COSTA, H. M. P. A reforma calvinista e a educação: anotações introdutórias. *Fides Reformata*, São Paulo, v. XIII, n. 2, 2008.

FERREIRA, W. C. *Calvino, vida, influência e teologia*. Campinas: Luz para o Caminho, 1985.

GREEF, W. Calvin's writings. In: McKIM, D. K. (ed). *The Cambridge Companion to John Calvin*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 41-57, 2004.

\_\_\_\_\_. *The Writings of John Calvin: an Introductory Guide*. Tradução Lyle D. Bierma. Louisville: Westminster John Knox Press, 2008.

HAUSER, A. *A história social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HÖPFL, H. *The Christian Polity of John Calvin*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

JONG, P. Y. Calvin's contribution to Christian Education. *Calvin Theological Journal*, v. 2, 1967.

LOPES, E. P. *A inter-relação da teologia com a pedagogia no pensamento de Comenius*. São Paulo: Mackenzie, 2006.

MCGRATH, A. *Origens intelectuais da Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MONDIM, B. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Paulus, 1981.

MOORE, T. M. Some observations concerning the Educational Philosophy of John Calvin. *Westminster Theological Journal*, v. 46, 1984.

NAUERT, C. G. *Humanism and the culture of Renaissance Europe*. Cambridge: University Press, 1995.

NICHOLS, R. H. *História da Igreja Cristã*. 10. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1997.

SKINNER, Q. *As fundações do pensamento moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TILLICH, P. *História do pensamento cristão*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2004.

TOLEDO, C. de A. A.; VIEIRA, P. H. João Calvino (1509-1564) e a educação no século XVI. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 28, n. 2, 2006. Disponível em: <[www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewArticle/151](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewArticle/151)>. Acesso em: 1º abr. 2009.

TRINDADE, H. Universidade em perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 5-11, jan./abr. 1999.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 1967.